

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM TRÊS CONTOS DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

Stefane Soares PEREIRA
Universidade Federal de Juiz de Fora
E-mail: stefane87@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar três contos presentes na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), da autora negra brasileira Conceição Evaristo. Nestes contos, observaremos a visão do papel da mulher negra na luta contra o sexismo por feministas negras como bell hooks (1989; 2000) e Carole Boyce Davies (1994). Assim, veremos como o espaço doméstico se torna uma grande arma na luta e na resistência contra a violência praticada por homens.

Palavras-chave: Espaço Doméstico; Feminismo; Gênero; Sexismo; Violência.

Introdução

O propósito deste trabalho é analisar três contos do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), da autora negra brasileira Conceição Evaristo. Nesta obra, Evaristo reúne histórias de mulheres negras que desafiam o processo de viver e aprendem a enxergar o sexismo presente no âmbito das relações sociais.

“Aramides Florença” é o primeiro conto do livro. Em meio à história de uma criança cuja oralidade se omitia em balbucios conhecemos a sua história do motivo de silêncio de seu bebê. Durante a gravidez a personagem sofre pequenos atos de violência do pai de seu filho, e logo, dias após o parto é realmente violentada.

“Shirley Paixão” é o terceiro conto do livro, aborda a vivência de uma mulher que se unindo a um novo companheiro adota afetivamente as três filhas dele, criando-as como suas filhas. Concomitantemente aos cuidados da filha mais velha de seu companheiro, que guardava um silêncio muito particular, Shirley descobre o abuso sexual sofrido pela menina, agredindo o marido com uma barra de ferro.

“Lia Gabriel” é o décimo conto da obra. Trata da perseverança de uma mãe cuja razão de viver são os seu filhos, sendo um deles uma criança esquizofrênica, que desenvolve o distúrbio após presenciar a violência do pai contra mãe quando tinha menos de dois anos.

Ao nos envolvermos com esses relatos entendemos o porquê do uso do termo “vítima” por feministas negras como bell hooks (1989; 2000) e Carol Boyce Davies (1994). Os relatos ouvidos pela narradora da obra de Evaristo confirmam os argumentos destas feministas que afirmam que toda mulher negra já sofreu ou exerceu algum tipo de agressão na relação negro-negro, independente da ordem (direta ou indireta física ou psicológica).

1. Violência em casa: o abuso sexual nas relações íntimas

Embora esteja explicitamente claro o abuso físico praticado pela figura masculina no vínculo familiar da família negra, observaremos como incidentes singulares mostram indícios de uma tentativa de controle e poder patriarcal.

No conto “Aramides Florença”, a personagem cujo nome é dado para o conto descreve seus sonhos de encontrar um homem com o qual ela pudesse compartilhar a beleza da “sagrada” família. Logo percebemos em meio ao desejo feminino de continuar propagando o

papel da mulher na sociedade – o anseio de ser esposa e mãe -, a distância do lugar ocupado pela “referência” familiar na crença e na força do sistema falocêntrico e da figura angelicamente feminina e marginalizada às obrigações do lar: “Ela, chefe do departamento de pessoal de uma promissora empresa; ele, funcionário de um grande banco” (Evaristo, 2011, p. 13). Profissionalmente Aramides ocupava uma posição privilegiada se compararmos o posicionamento de seu marido. Embora esse relato passe despercebido na narrativa ele nos confirma a mudança nos papéis rígidos designados ao gênero, mostrando como na modernidade a mulher vem se destacando no âmbito da força de trabalho e encontrando um equilíbrio nas funções em que pode e, não mais necessariamente deve exercer.

A gravidez de Aramides foi planejada com o marido que, a princípio se embevecia “com o milagre que ele também fazia acontecer”, repartindo “os seus mil sorrisos ao lado da mãe” (Evaristo, 2011, p. 14). A alegria, entretanto, começou a ganhar outras formas durante a gestação de Aramides. Foram dois ocorridos graves e sutilmente estranhos ao convívio do casal que inauguram um “ligeiro, ligeiríssimo mal estar na confiança que Aramides depositava em seu homem” (Evaristo, 2011, p. 15).

Um dia [...] Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre [...] em uma noite, quando o corte da lâmina de barbear ainda ardia no ventre de Aramides, foi que mais um episódio aconteceu. Estava ela no último mês de gestação [...] se contemplava no espelho do banheiro [...] Adivinhou o abraço que dele receberia por trás [...] Só que, esse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides [...] ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (Evaristo, 2011, p. 14-15).

Unindo o tipo de servidão masculina do marido de Aramides em oposição ao cargo ocupado pela personagem e as funções naturais da mulher em discrepância com a do homem, seria irônico, mas condizente dizer que o marido de Aramides estava com ciúmes do desempenho feminino. Poderia ser, embora após o nascimento da criança concluamos exatamente o contrário, quando ainda nas duas primeiras semanas o homem de Aramides pergunta-lhe sobre o retorno à vida sexual do casal. “Os primeiros dias foram só solicitude da parte dele. Tanto era o desvelo [...] que Aramides [...] esqueceu por completo as dores e a tênue desconfiança vivida anteriormente” (Evaristo, 2011, p. 16). Porém, não durou muito,

Um dia, a sutil fronteira da comedida paz, que nos últimos tempos reinava entre o homem e a mulher, se rompeu. O dique foi rompido. À mostra, o engano velado, que se instalara entre os dois desde a [...] e que ambos tentavam ignorar, ganhou corpo concreto [...] arrancou o menino de meus braços [...] Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele [...] Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri (Evaristo, 2011, p. 17-18).

Carole Boyce Davies trabalha justamente com textos que subvertem a fronteira da maternidade em *Black women, writing and identity: migrations of the subject*, e afirma ser a amamentação um símbolo da responsabilidade de criar um filho (1994, p. 143). Pode-se asseverar que a atitude do marido de Aramides seja um exemplo não somente do egoísmo viril masculino, mas por uma outra perspectiva, do desespero do risco de colocar uma criança em um mundo que lhe oferece pouco, como o cargo de um funcionário de um grande banco. Talvez por ter nascido menino, quiçá... Nada, porém, justifica a postura animalesca e brutal com a qual o marido de Aramides resolveu solucionar suas frustrações pessoais.

O modo como o companheiro de Aramides violentou (tanto “involuntariamente” como de maneira covardemente voluntária) sua mulher representa o caráter opressor com o qual alguns homens se colocam ainda hoje em nossa sociedade. bell hooks em *Feminist theory: from margin to center* (2000, p. 16) confirma a abertura do abuso masculino contra a mulher a partir do sexismo:

Mulheres brancas e homens negros tem comportamentos semelhantes. Eles podem agir como opressores ou serem oprimidos. Homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo permite que eles hajam como exploradores ou opressores de mulheres. Mulheres brancas podem ser vitimadas pelo sexismo, mas o racismo as possibilita agirem como exploradoras e opressoras de povos negros ¹.

A exploração sexual contra a mulher perpassa também o to intitulado “Shirley Paixão”. A vítima, nesse conto, porém, não é apenas Shirley Paixão, mas ela e todas as outras mulheres ainda meninas que reluziam em sua casa. Todas suas filhas, duas provenientes de seu ventre e três adotadas pelo seu coração, filhas de seu amado. Como Aramides e seu marido, Shirley e seu companheiro viviam bem, em um ambiente coberto pelo véu² da cumplicidade e do respeito. Uma diferença, todavia, instiga o percurso traçado pelo leitor: Shirley Paixão não precisou passar por experiências e identes mal explicados para se sentir incomodada com o vínculo que unia ela e as meninas à figura masculina. Não era apenas a implicância de seu homem com o enlace das mulheres da Havia algo submerso naquela casa e Shirley Paixão percebia, mas assim como fizera Aramides, preferia não decodificar:

Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria Mas como? Porque ele? Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava decifrar (Evaristo, 2011, p. 26).

¹ “White women and black men have it both ways. They can act as oppressor or be oppressed. Black men may be victimized by racism, but sexism allows them to act as exploiters and oppressors of women. White women may be victimized by sexism, but racism enables them to act as exploiters and oppressors of black people” (Tradução nossa).

² Em *As almas da Gente Negra* (1903), Du Bois trabalha a invisibilidade através da metáfora do véu. O mais influente líder político negro dos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, narra a primeira vez em que a *sombra* o invade, isto é, a negritude: na infância, quando, em uma pequena escola de madeira, os alunos compraram cartões de visita e trocaram entre si, “uma a alta, recém- chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu” (DU BOIS, 1999, p. 53).

O “companheiro” de Shirley Paixão ficou viúvo e teve que ocupar um papel na sociedade não designado ao homem: cuidar das três filhas. Na sociedade patriarcal é comum que o homem esteja ocupando especialmente os espaços exteriores, enquanto a mulher é responsável por cuidar daquilo que é essencialmente íntimo e doméstico. Como pai, depositou a responsabilidade de mãe à filha mais velha, Seni, embora involuntariamente ou não propositalmente:

Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela [Seni] [...] procurei ampará-la [...] E assim ela foi crescendo, alternando períodos de pouca, com nenhuma fala [...] Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim [...] Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche (Evaristo, 2011, p. 27).

O fracasso de pai era depositado na maneira como tratava a filha mais velha, Seni, com insultos verbais e abusos sexuais. Shirley Paixão as outras meninas não desconfiavam. Ao contrário, na noite em que Seni, ainda uma menina, teve a coragem de expor seu desespero em meio à forma brutal com que seu pai a violentava, as irmãs de Seni pediam socorro ao pai, enquanto Shirley achava que o companheiro apenas subira ao outro andar para brigar mais uma vez com Seni. Ficou furioso ao saber dos conselhos que a professora dela dera à família, indicando tratamento psicológico à menina, depois de perguntar à Shirley se ela e o companheiro exigiam muito da menina.

Em princípio, não reconheceram o pai, só podia ser um estranho [...] Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, p uir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz [...] Eu precisava salvar filha [...] E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto [...] Depois vieram mais e mais sofrimentos: a imagem de minha menina nua (Evaristo, 2011, p. 29-30).

No trecho supracitado, vemos como a figura masculina s a força, o poder, o *falo* dentro de um lar. O companheiro de Shirley era, ao mesmo tempo, o inimigo e o justiceiro, o salvador, tanto para suas crianças quanto para sua adulta mulher, ele representa o poder e o domínio no espaço doméstico. E embora devesse ser positivamente, a literatura negra traz um outro lado desse estereótipo compartilhado em nossa sociedade da figura masculina.

Ao sentir-se oprimido por um destino de surpresas, o companheiro de Shirley Paixão fecha os olhos para a bondade da personagem que cria suas filhas como se fossem dela, tornando-se o opressor de Seni e, logo, de toda a nova família que havia construído, esquecendo-se que Seni e as outras duas filhas também eram vítimas do mesmo destino, tão doloroso quanto o dele, elas perderam a mãe. A opressão simboliza a falta de escolhas; contudo, não deve ser a razão para que o domínio e o poder sejam exercidos e, por

consequente, caracterizem o espaço doméstico. O feminismo e a escrita da mulher negra lutam pela justiça social e pelo fim de qualquer forma de dominação.

Menos ainda sabemos das frustrações sociais sofridas pelo homem de Lia Gabriel. Neste conto, de onde surge explicitamente o conjunto de palavras perfeitas para comporem o título da obra: Insubmissas lágrimas de mulheres, vemos a palavra *inimigo* surgir novamente, com em “Shirley Paixão”, seguida por monstro, o “maldito”, “o nome da má hora” (Evaristo, 2011, p. 85, 86, 88). Quando o filho esquizofrênico de Lia Gabriel, Máximo Gabriel tinha quinze anos, uma nova profissional aconselhou a internação do adolescente, pois o menino ganhava forças que provavelmente a mãe e as duas filhas não poderiam controlar. A mãe tinha certeza absoluta de que seu filho “nunca se investiria contra” ela e as meninas, mas cedeu ao pedido da profissional por temer que “ele se mortalmente” (Evaristo, 2011, p. 85-86). Longe da família e em crise a médica ouviu o nome do grande inimigo invisível do filho de Lia Gabriel: o seu pai. O menino crescia tentando se vingar da maldade que presenciara ainda bebê, quando em:

Uma tarde de domingo [...] ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada, eu [Lia] continuei e respondi que o prato dele estava no microondas [...] Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d’água, enquanto me dava joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia [...] Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emití um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive medo de me envergar sobre o meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava (Evaristo, 2011, p. 86-87).

Assusta observar a necessidade de impor, no lar, a dominação e o poder não presente em outras instâncias da sociedade. Na passagem supracitada Lia Gabriel não relata em momento algum a oportunidade de defesa, todavia, para forçar o lugar ocupado pela mulher negra no espaço doméstico, nas relações íntimas, o marido de Lia busca-lhe o filho mais novo, seu próprio filho, põe-lhe nu e entrega-o para a mãe, colocando à prova a força física da mãe, o nascer de um amor e de um carinho que ele certamente desconhecia o zelo um herdeiro da opressão de uma sociedade que não enxerga desigualdade, que não faz nada para mudá-la...Seja qual for o motivo, a literatura negra e discurso feminista está presente para defender o fim de todas as formas de opressão, de dominação e de exploração sem violência. Vítimas não podem, jamais, subjugarem vítimas.

Separatistas consideram duas perspectivas com relação à denominação de vítimas do sexismo: uma que confirma a opressão dos homens para com as mulheres e outra que considera que todos nós somos, de alguma forma, machucados pelos papéis sexuais inflexíveis.

A opressão masculina contra mulheres não pode ser desculpada com o reconhecimento de que há formas de homens machucarem mulheres por meio dos papéis rígidos do gênero, Ativistas feministas devem reconhecer que machucam – isso existe. Entretanto, isso não anula ou diminui a responsabilidade masculina de sustentar e perpetuar o poder deles sob o patriarcado de explorar e oprimir mulheres em uma maneira bem mais lamentosa que o estresse psicológico ou a dor emocional causada pela conformidade masculina por modelos rígidos do papel do gênero (Hooks, 2000, p. 75) ³.

A literatura negra produzida por Conceição Evaristo nos alerta para criarmos um olhar para a margem, que muitas vezes se esconde devido ao medo, ao trauma ou a uma vergonha. Vergonha de uma realidade social presente em nossas comunidades. É preciso lutar pelo fim da dominação, pois o sofrimento não pode ser com grau maior de importância para um indivíduo ou para outro. A opressão faz parte da vida de toda uma população negra. Esse deve ser o maior motivo para que dentro desta comunidade violência, exploração e abuso não sejam propagados, nem por homens, menos ainda por mulheres. O sexismo como um sistema dominante não pode fazer parte da vida das mulheres. Além disso, deve deixar de ser institucionalizado.

2. Olhos bem abertos: movimentos contra a violência

Para a antropologista francesa Joelle Bahloul (1992, p. 129), “o espaço doméstico é ‘a representação material do social’ e ‘a reprodução social é atingida através da perpetuação da ordem social representada no habitat’” (*apud* McDowell, 2007, p. 72)⁴. A partir do conhecimento dos contos descritos por Evaristo podemos concordar com a afirmação de Bahloul, é certamente no espaço doméstico que o homem o abrigo para diminuir a opressão vivenciada publicamente nos espaços exteriores da sociedade. No lar, o homem pode se vingar da marginalidade e da fragilidade, isto é, da falta de poder que o mundo lhe oferece, é neste ambiente que o homem materializa os acontecimentos sociais. Não podemos dizer, entretanto, que a violência praticada por ele se eternize na sociedade, perpetua sim em lembranças e memórias que sempre ocuparão um lugar no de cada ser oprimido, mas não na sociedade. O conto “Aramides Florença” é um grande exemplo desse quadro reversivo: “Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria” (Evaristo: 2011, p. 31).

O lar, portanto, apresenta-se como “uma das localizações espaciais mais fortemente gendradas” (McDowell, 2007, p. 93) ⁵. Para feministas negras como bell hooks e Carole Boyce Davies, é crucial que o posicionamento da mulher negra seja liberalmente reacionário à prática subversiva do homem. É preciso abrir os olhos e encarar a realidade. Conceição

³ “Male oppression of women cannot be excused by the recognition that there are ways men are hurt by rigid sex roles. Feminist activists should acknowledge that hurt – it exists. It does not erase or lessen male responsibility for supporting and perpetuating their power under patriarchy to exploit and oppress women in a manner far more grievous than the psychological stress or emotional pain caused by male conformity to rigid sex-role patterns” (Tradução nossa).

⁴ “Domestic space is ‘the material representation of the social’ and ‘social reproduction is achieved through the symbolic perpetuation of the social order represented in the habitat’” (Tradução nossa).

⁵ “one of the most strongly gendered spatial locations” (Tradução nossa).

Evaristo traz justamente esta perspectiva nos relatos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, são elas nos contos aqui discutidos mulheres fortes, que perpassam o amor com dor, mas que fazem da dor formas de resistência para as agressões profundas causadas pelo sexismo.

Quando ele bate ou estupra mulheres, ele não está exercitando privilégio ou ceifando recompensas; ele pode se sentir satisfeito em exercitar a única forma de dominação permitida a ele. A estrutura de poder da classe dominante masculina que promove o abuso sexista dele contra as mulheres colhe os benefícios materiais reais e os privilégios de suas ações. Contanto que ele ataque as mulheres e não o sexismo ou o capitalismo, ele ajuda a manter o sistema que permite a ele pouco, quando nenhum benefício ou privilégio. Ele é um opressor. Ele é um inimigo das mulheres. Ele é também um inimigo de si mesmo. Ele é também oprimido. O abuso dele contra as mulheres não é justificável. Embora ele tenha sido socializado para agir com tal, existem movimentos sociais que poderiam possibilitar a eles a luta pelo autorrestabelecimento e liberação. Ao ignorar esses movimentos, ele escolhe permanecer tanto como opressor como oprimido. Se o movimento feminista ignorar a situação dura deles, descartar a sua dor, ou desconsiderá-los como apenas outro inimigo, então nós estaremos sancionando as ações deles (Hooks, 2000, p. 76) ⁶.

O feminismo e a literatura negra não podem sancionar a dominação masculina contra mulheres por consideração ao fato de que a crença social difunde e ensina aos homens que dentro de casa são eles que impõem ordens governando o lar. O homem negro, e poderíamos dizer, no contexto social brasileiro pobre, é educado “aceitar a desumanização e a exploração no mundo público do trabalho”, a “esperar que o mundo privado, o mundo do lar e das relações íntimas irá restabelecê-los a sensação de poder que eles igualam a masculinidade” (Hooks, 2000, p. 121) ⁷.

Para Carole Boyce Davies, a escrita das mulheres negras consiste em um processo de autorreflexão e análise do espaço íntimo do eu do espaço doméstico em que os mecanismos sociais são decodificados. Davies admite que a resistência da mulher negra começa, primeiramente, no ambiente doméstico. O próprio lar apresenta-lhe o perigo. Para a feminista estadunidense, “as políticas do feminismo negro só podem ser transformadoras se buscarem desafiar condições e processos sociais, e valorizar ex frequentemente silenciadas ou invisíveis nos atuais padrões da ordem social” (1994, p.) ⁸.

⁶“When he [men] beats or rapes women, he is not exercising privilege or reaping positive rewards; he may feel satisfied in exercising the only form of domination allowed to him. The ruling-class male power structure that promotes his sexist abuse of women reaps the real material benefits and privileges from his actions. As long as he is attacking women and not sexism or capitalism, he helps to maintain a system that allows him few, if any benefits or privileges. He is an oppressor. He is an enemy to women. He is also an enemy to himself. He is also oppressed. His abuse of women is not justifiable. Even though he has been socialized to act as he does, there are existing social movements that would enable him to struggle for self-recovery and liberation. By ignoring these movements, he chooses to remain both oppressor and oppressed. If feminist movement ignores his predicament, dismisses his hurt, or writes him off as just another enemy, then we are passively condoning his actions” (Tradução nossa).

⁷ “accept their dehumanization and exploitation in the public world of work, and they are taught to expect that the private world, the world of home and intimate relationships, will restore to them their sense of power, which they equate with masculinity” (Tradução nossa).

⁸ “Black feminist politics can only be transformational if it seeks to challenge social conditions and processes and give value to existences often rendered silent or invisible in current patterns of social ordering” (Tradução nossa).

Assim, as mulheres negras podem não apenas se esforçarem para transcender as barreiras da invisibilidade e da ignorância social, como também questionar a impotência impostas pelos papéis hierárquicos definidos aos gêneros. É dessa maneira que Conceição Evaristo expõe os relatos de mulheres que lutam contra o sexismo e as mais diversas formas de violência propagadas nos espaço doméstico. Evaristo mostra que a primeira barreira encontrada pela mulher negra contra o sistema falocêntrico é o lar, espaço o qual é convencionalmente compreendido como feminino. E é justamente a partir deste que a mudança deve ser promovida. Certamente, não pela violência física ou verbal, mas pela justiça e pelo esclarecimento da existência de um poder simbólico e ineficaz.

Conclusão

A escrita de Conceição Evaristo é fundamental na literatura brasileira contemporânea uma vez que revela uma particularidade, uma nuance que trabalha com os mais diversos níveis de gradação da violência doméstica, ou seja, verbalmente, fisicamente, psicologicamente, corporalmente. A mulher negra presente em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) cria forças para reverter o novo quadro que a realidade lhe apresenta friamente e claramente, para que ela possa enxergar a necessidade de uma mudança no posicionamento da mulher negra no espaço doméstico e, consequentemente, nas outras esferas da sociedade.

A violência possui um espaço fechado, íntimo e protegido pelo exterior, um verdadeiro abrigo para que a impunidade seja exercida e aprofundada. Cabe mulheres vencer o medo, a vergonha e o sentimento de culpa, quebrando o enclausuramento aparentemente dominante no lar e inalterável. A literatura negra denuncia a opressão e o oprimido, enfatizando a necessidade do negro olhar para o outro negro, para mulher e para criança negra, e enxergar nele, nela, neles, e nelas as mesmas dificuldades e as mesmas amarguras presentes em seu eu.

Referências

- DAVIES, Carole Boyce. *Black woman writing and identity*. Migrations of the subject. Nova York: Routledge, 1994. 229 p.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução, introdução e notas: Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999. 323 p.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. 2 ed. London: Pluto Press, 2000. 179 p.
- _____, bell. *Talking back: thinking feminist, thinking black*. Boston MA: South End Press, 1989. 185 p.
- MCDOWELL, Linda. *Gender, identity and place: understanding feminist geographies*. Minneapolis: University Minnesota Press, 2007. 284 p.